



OS BRIDGERTONS — 5

*Julia Quinn*

PARA SIR PHILLIP, COM AMOR



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

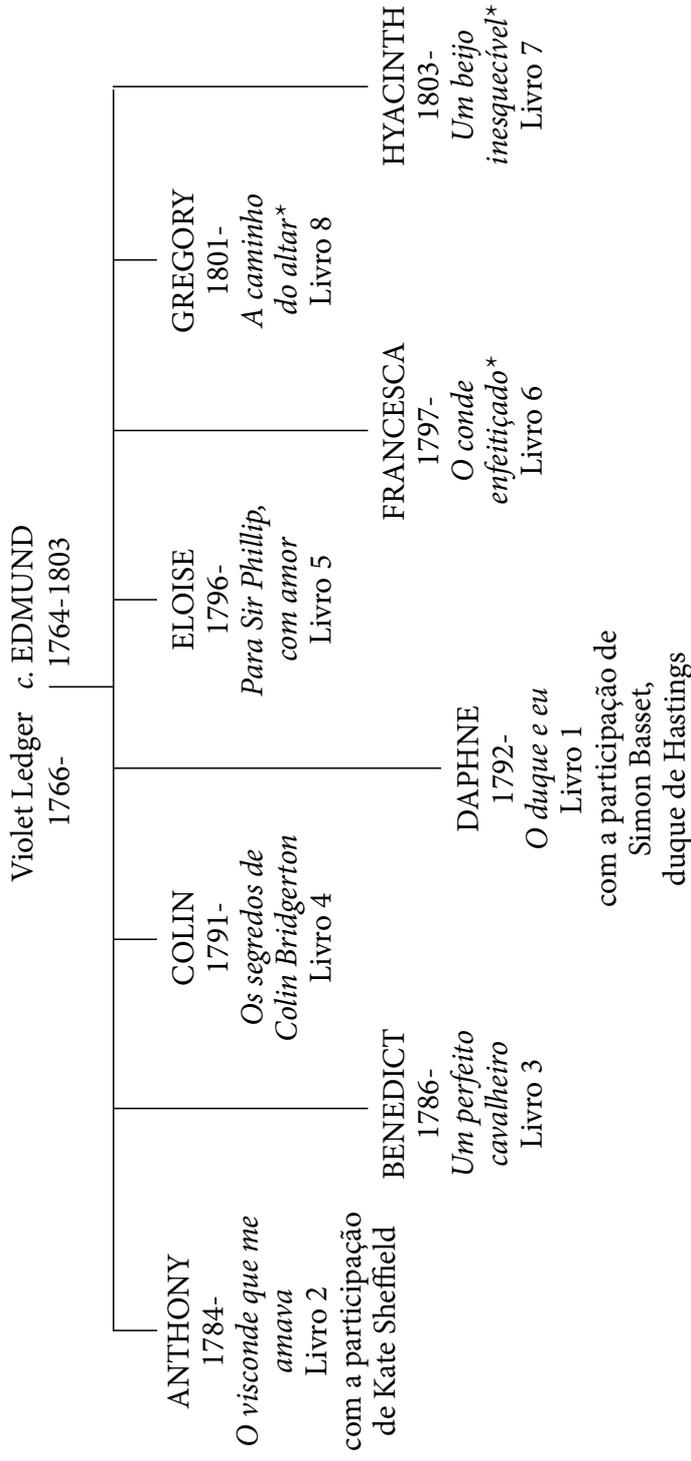
Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Stefanie e Randall Hargreaves.  
Vocês abriram sua casa,  
nos mostraram sua cidade,  
guardaram nossas coisas,  
e, ao chegarmos,  
encontramos, nos esperando,  
uma cesta de iguarias na varanda.

E, quando precisei muito de alguém,  
sabia exatamente para quem ligar.

E também para Paul,  
desta vez Porque.  
Na verdade, é sempre Porque.

# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BRIDGERTON



\* Títulos provisórios

# PRÓLOGO

*Fevereiro de 1823*  
*Gloucestershire, Inglaterra*



**E**ra realmente irônico que tivesse acontecido em um dia tão ensolarado. O primeiro dia de sol em... o quê? Seis semanas inteiras de céu nublado, acompanhado de ocasionais rajadas de chuva ou neve fraca. Até Phillip, que se achava imune aos caprichos do tempo, sentiu seu espírito mais leve, seu sorriso mais aberto. Ele saíra – tivera de sair. Ninguém poderia continuar dentro de casa em um dia de sol tão esplêndido como aquele.

Principalmente no meio de um inverno tão cinzento.

Mesmo agora, mais de um mês depois do ocorrido, ele ainda não podia acreditar que o sol tivera a ousadia de provocá-lo.

E como pudera ser tão cego de não esperar isso? Vivia com Marina desde o casamento deles. Tivera oito longos anos para conhecer a mulher. Devia ter imaginado. E, para falar a verdade...

Bem, para falar a verdade, ele *tinha* imaginado. Só não quisera admitir. Talvez estivesse só tentando se iludir, até mesmo se proteger. Tentando se esconder do óbvio, esperando que, se não pensasse a respeito, aquilo nunca fosse acontecer.

Mas aconteceu. E em um dia ensolarado, para piorar. Deus com certeza tinha um senso de humor estranho.

Olhou para seu copo de uísque, que estava inexplicavelmente vazio. Devia ter tomado a maldita bebida, e ainda assim não lembrava. Não se sentia embriagado, pelo menos não tanto quanto deveria estar. Ou tanto quanto gostaria.

Pela janela, olhou para o sol, que já estava baixo no horizonte. Aquele tinha sido mais um dia ensolarado, o que provavelmente explicava sua enorme melancolia. Pelo menos era o que ele esperava. Queria uma explicação – precisava de uma – para aquele cansaço terrível que parecia tomar conta de si.

A melancolia o apavorava. Mais do que qualquer coisa. Mais do que o fogo, mais do que a guerra, mais do que o próprio inferno. A ideia de se afundar na tristeza, de ser como *ela*...

Marina tinha sido uma pessoa melancólica. Fora assim a vida inteira, ou ao menos desde que os dois se conheceram. Ele não conseguia se lembrar do som da risada dela e, para ser sincero, não tinha nem certeza de um dia ter chegado a ouvi-lo.

Era um dia de sol e...

Ele fechou os olhos com força, sem saber se aquilo instigaria a lembrança ou a afastaria.

Era um dia de sol e...



– Estava achando que nunca mais sentiria esse calor de novo, não é mesmo, Sir Phillip?

Philip Crane virou o rosto para a luz, fechando os olhos e deixando que o sol o aquecesse.

– Está perfeito – murmurou ele. – Ou estaria, se não fosse esse frio maldito. Miles Carter, seu secretário, riu.

– Não está tão frio assim. O lago nem congelou este ano. Só umas partes aqui e ali.

Com relutância, Philip se afastou do sol e abriu os olhos.

– Mas não é a primavera.

– Se estava esperando a primavera, senhor, talvez devesse ter consultado o calendário.

Philip olhou meio de lado para ele.

– Eu por acaso lhe pago para ser tão impertinente?

– Sim. E generosamente.

Philip riu por dentro enquanto os dois aproveitavam um pouco mais o calor do sol.

– Achei que não se importasse com os dias nublados – disse Miles, só para puxar assunto, quando voltaram a caminhar, seguindo em direção à estufa de Phillip.

– Não me importo – retrucou Phillip, dando passos longos com a desenvoltura de um atleta nato. – Mas não é por isso que não prefiro o sol. – Ele

parou e pensou por um instante. – Lembre-se de pedir a Millsby que leve as crianças para dar uma volta hoje. Elas vão precisar de casacos, chapéus, luvas e todas essas coisas, é claro, mas têm de pegar um pouco de sol no rosto. Já ficaram confinadas por muito tempo.

– Assim como todos nós – murmurou Miles.

Phillip riu.

– É verdade. – Olhou então, por cima do ombro, para a estufa. Ele provavelmente deveria ir cuidar da correspondência, mas também precisava examinar algumas sementes e, na verdade, poderia muito bem tratar de seus assuntos com Miles dali a cerca de uma hora. – Vá falar com a babá. Podemos conversar mais tarde. Afinal, você detesta mesmo a estufa.

– Não nesta época do ano – disse Miles. – O calor é muito bem-vindo.

Phillip arqueou a sobrancelha enquanto inclinava a cabeça em direção a Romney Hall.

– Você está dizendo que a casa dos meus antepassados é cheia de correntes de ar?

– Todas as casas antigas são cheias de correntes de ar.

– Isso é verdade – disse Phillip, com um sorriso.

Gostava de Miles. Contratara-o havia seis meses para ajudá-lo com a papelada e todos os detalhes sobre a administração de sua pequena propriedade, que pareciam se acumular. Miles era muito bom. Jovem, mas competente. E seu senso de humor sarcástico com certeza era bem-vindo em uma casa onde nunca se ouviam muitas risadas. Os criados jamais se atreveriam a fazer piadas com Phillip, e Marina... Bem, era desnecessário dizer que ela não costumava rir nem brincar.

As crianças às vezes faziam Phillip rir, mas era um tipo diferente de humor e, além disso, na maioria das ocasiões ele não sabia o que lhes dizer. Até tentava, mas se sentia um bocado estranho perto dos filhos – muito grande, muito forte, se é que isso era possível. Assim, acabava enxotando-os, mandando-lhes voltar para a babá.

Era mais fácil assim.

– Vá logo resolver isso, então – falou Phillip, pedindo que Miles cuidasse de uma tarefa que provavelmente ele mesmo deveria fazer.

Ainda não tinha visto os filhos naquele dia e achava que deveria procurá-los, mas não queria estragar o dia dizendo-lhes algo severo, o que parecia acontecer sempre.

Iria se encontrar com eles durante seu passeio com a babá. Era uma boa ideia. E então poderia apontar alguma planta e falar com eles sobre ela, e tudo continuaria perfeitamente simples e tranquilo.

Phillip entrou em sua estufa e fechou a porta, sorvendo o ar agradável e úmido. Tinha estudado botânica em Cambridge e se formado entre os primeiros da turma. Na verdade, provavelmente teria seguido a vida acadêmica se seu irmão mais velho não tivesse morrido em Waterloo, deixando para Phillip o papel de proprietário de terras e aristocrata rural.

Achava que podia ter sido pior. Afinal, podia ser um proprietário de terras e aristocrata da cidade. Pelo menos ali tinha a chance de dar seguimento às suas atividades botânicas com relativa tranquilidade.

Inclinou-se sobre a bancada de trabalho para examinar seu último projeto – a tentativa de criar uma variedade de ervilha que tivesse um desenvolvimento maior dentro da vagem. Por enquanto ainda não havia tido sucesso. O último lote, além de ter murchado, também ficara amarelo, o que estava muito longe de ser o resultado esperado.

Phillip franziu a testa, depois abriu um sorriso discreto enquanto seguia para os fundos da estufa para reunir seu material. Nunca sofria muito quando seus experimentos não alcançavam o resultado esperado. Em sua opinião, a necessidade nunca fora a mãe da invenção.

Acidentes. Eram quase sempre acidentes. Nenhum cientista admitiria, é claro, mas a maioria das grandes invenções acontecia quando alguém estava tentando resolver um problema completamente diferente.

Deu uma risada enquanto afastava as ervilhas murchas para o lado. Naquele ritmo, iria descobrir a cura para a gota até o final do ano.

De volta ao trabalho. De volta ao trabalho. Curvou-se sobre suas amostas de sementes e examinou-as com cuidado. Só precisava da semente certa para...

Ele levantou a cabeça e olhou para fora através do vidro recém-limpo. Uma movimentação pelo campo chamou sua atenção. Um vulto em vermelho.

Vermelho. Phillip riu sozinho, balançando a cabeça. Devia ser Marina. Vermelho era sua cor preferida, algo que ele sempre achara estranho. Qualquer um que passasse algum tempo com ela acharia que sua preferência seria algo mais escuro, mais sombrio.

Acompanhou a esposa com o olhar até ela desaparecer no bosque, então voltou ao trabalho. Era raro Marina se aventurar do lado de fora. Ultima-

mente ela mal chegava a sair do abrigo de seu quarto. Phillip ficou feliz por vê-la ao ar livre, sob o sol. Talvez isso melhorasse seu ânimo. Não por completo, é claro. Ele achava que nem o sol era capaz disso. Mas talvez um dia quente e ensolarado pudesse tirá-la de casa por algumas horas, colocar um sorriso discreto em seu rosto.

Deus sabia que isso faria bem às crianças. Elas iam até o quarto da mãe para vê-la quase todas as noites, mas não era o suficiente.

E Phillip sabia que não podia compensar essa ausência.

Suspirou e sentiu uma onda de culpa invadi-lo. Tinha consciência de que não era o pai de que os filhos precisavam. Tentava se convencer de estar fazendo o melhor que podia, de que estava se saindo bem na única meta que tinha como pai – *não* ser como o próprio pai.

Mas sabia muito bem que não era o bastante.

Afastou-se da bancada com movimentos decididos. As sementes podiam esperar. Seus filhos também, mas isso não queria dizer que deveriam. Era ele quem devia passear com os dois, não a babá, que não tinha ideia da diferença entre uma árvore caducifólia e uma conífera, e provavelmente lhes diria que uma rosa era uma margarida e...

Olhou pela janela mais uma vez, lembrando-se de que estavam em fevereiro. Seria difícil a babá encontrar alguma flor com aquele clima, mas ainda assim isso não era desculpa. De todas as atividades que ele podia fazer com os filhos, aquela era a única em que era bom de verdade, e não devia se esquivar da responsabilidade.

Saiu a passos largos da estufa, mas de repente parou, sem ter percorrido sequer um terço do caminho até Romney Hall. Se estava indo buscar as crianças, deveria levá-las para ver a mãe. Elas ansiavam pela companhia de Marina, mesmo quando ela não fazia mais do que dar um tapinha em suas cabeças. Sim, os três iriam atrás de Marina. Isso seria ainda melhor do que uma caminhada pelo campo.

Mas ele sabia por experiência própria que não podia fazer suposições sobre o estado de espírito da mulher. Só porque ela havia se aventurado a sair não significava que estaria se sentindo bem. E ele detestava quando os filhos a viam deprimida.

Então, Phillip virou e seguiu em direção ao bosque no qual tinha visto Marina desaparecer alguns minutos antes. Caminhava praticamente duas vezes mais rápido do que ela e não demoraria para alcançá-la e che-

car como ela estava. Podia voltar ao quarto das crianças antes que elas saíssem com a babá.

Andou por entre as árvores, sem dificuldade para seguir o rastro da esposa. O chão estava úmido e ela devia estar com botas pesadas, porque suas pegadas tinham ficado nitidamente marcadas na terra, seguindo pelo declive suave e para fora do bosque, e entrando depois em uma área gramada.

– Droga – resmungou Phillip, a voz quase inaudível em razão do vento que aumentava à sua volta.

Era impossível ver as pegadas dela na grama. Ele protegeu os olhos do sol com a mão e se esforçou para enxergar à distância, procurando algum sinal de vermelho.

Nada perto da cabana abandonada, nada no campo de grãos experimentais, nem na imensa pedra que ele passara tantas horas escalando quando criança. Virou então para o norte, estreitando os olhos, quando finalmente a viu. Ela seguia em direção ao lago.

O lago.

Phillip entreabriu os lábios quando viu que ela caminhava a passos lentos para a beira d'água. Ele não ficou paralisado; foi mais como se tivesse... saído de seu corpo... enquanto sua mente absorvia a estranha cena. Marina não costumava nadar. Phillip nem tinha certeza se ela sabia fazê-lo. Achava que ela já devia ter ouvido falar sobre o lago no terreno da propriedade, mas, na verdade, nunca soube se ela já tinha ido até lá durante os oito anos de casamento. Começou a andar em direção a ela, os pés de alguma forma reconhecendo o que sua mente se recusava a aceitar. Quando Marina entrou na parte rasa, ele acelerou o passo, ainda muito distante para fazer qualquer outra coisa que não fosse gritar por ela.

Mas, se Marina o ouviu, não o demonstrou, apenas continuou sua caminhada lenta e decidida em direção à parte mais funda.

– Marina! – berrou Phillip, saindo em disparada. Ainda estava longe, mesmo correndo o mais rápido que podia. – Marina!

Ela chegou ao pedaço em que o fundo do lago sofria um declive acentuado e desapareceu de repente sob a superfície escura, a capa vermelha flutuando por apenas alguns segundos antes de ser sugada atrás dela.

Phillip gritou o nome da mulher de novo, mesmo sabendo que ela não podia mais ouvi-lo. Ele desceu a colina que levava até o lago derrapando e tropeçando, e teve presença de espírito suficiente apenas para arrancar

o casaco e as botas antes de mergulhar desesperado na água enregelante. Marina estava embaixo d'água não fazia nem um minuto. Phillip sabia que provavelmente não tinha dado tempo de ela se afogar, mas cada segundo que demorava para encontrá-la deixava a mulher um segundo mais perto da morte.

Ele já tinha nadado naquele lago inúmeras vezes e sabia a localização exata do declive. Chegou até lá com braçadas rápidas e regulares, mal percebendo a resistência da água em suas roupas pesadas.

Podia encontrá-la. *Tinha* de encontrá-la, antes que fosse tarde demais.

Mergulhou fundo, esquadrinhando a água turva. Marina devia ter revolvido a areia do fundo, e com certeza ele também, porque o sedimento fino girava em volta dele em um redemoinho que lhe dificultava a visão.

Mas Marina acabou sendo salva graças a seu curioso gosto para cores. Quando viu o vermelho da capa flutuando na água como uma pipa lânguida, Phillip deu um impulso para chegar até lá. A esposa não lutou enquanto ele a puxava para cima. Na verdade, ela já tinha perdido a consciência e não era mais que um peso morto em seus braços.

Os dois chegaram à superfície e Phillip ofegou várias vezes para encher os pulmões, que queimavam. Por alguns instantes, ele não conseguiu fazer nada além de respirar, seu corpo percebendo que primeiro tinha de se salvar antes de pensar em ajudar outra pessoa. Então ele a levou em direção à terra, tomando o cuidado de manter o rosto dela fora d'água, embora Marina não parecesse respirar.

Por fim, chegaram à margem, e ele a arrastou para a estreita faixa de terra e pedras que separava a água da grama. Com movimentos desesperados, tentou ver se Marina estava respirando, mas não sentiu nenhum ar saindo de seus lábios.

Não sabia o que fazer, nunca pensara que teria de salvar alguém do afogamento algum dia. Então optou pelo que parecia mais razoável: colocou-a no colo, com o rosto para baixo, e bateu com força em suas costas. A princípio nada aconteceu, mas após o quarto golpe ela tossiu e uma água escura jorrou de sua boca.

Ele a virou depressa.

– Marina? – chamou com urgência, dando-lhe tapinhas de leve no rosto.  
– Marina?

Ela tossiu de novo, o corpo sacudido por tremores espasmódicos. Então começou a inspirar com força, os pulmões forçando-a a viver, ainda que sua alma quisesse outra coisa.

– Marina – disse Phillip, a voz trêmula de alívio. – Graças a Deus.

Ele não a amava, nunca a amara de verdade, mas ela era sua esposa, a mãe de seus filhos. E, lá no fundo, por baixo da inabalável fachada de dor e desespero, era também uma boa pessoa. Ele podia não amá-la, mas não queria que morresse.

Marina piscou, os olhos desfocados. E então finalmente pareceu perceber onde estava, quem ele era, e sussurrou:

– Não.

– Preciso levá-la de volta para casa – disse ele com rispidez, surpreso ao notar como tinha ficado irritado com aquela única palavra.

*Não.*

Como ela se atrevia a se opor a que ele a salvasse? Iria desistir de viver só porque estava *triste*? Sua melancolia pesava mais do que os dois filhos deles? Na balança da vida, seu estado de espírito era mais importante do que o fato de os dois precisarem de uma mãe?

– Vou levá-la para casa – disparou ele, erguendo-a nos braços sem muita delicadeza.

Ela agora já respirava e obviamente raciocinava com mais clareza, por mais confusa que fosse sua mente. Não havia por que tratá-la como uma flor frágil.

– Não – pediu Marina, chorando baixinho. – Por favor, não. Eu não quero... Eu não...

– Você vai para casa – declarou ele, subindo a colina com dificuldade, sem se importar com o vento que gelava suas roupas ou com o solo pedregoso que machucava seus pés descalços.

– Eu não posso – sussurrou ela, com o que parecia ser suas últimas forças.

E, enquanto carregava seu fardo para casa, Phillip só pensava em como aquelas palavras eram apropriadas.

*Eu não posso.*

De certo modo, aquilo parecia resumir toda a vida dela.



Quando anoiteceu, ficou claro que a febre talvez pudesse fazer o que o lago não havia conseguido.

Phillip carregara Marina para casa o mais rápido possível e, com a ajuda da Sra. Hurley, a governanta, tirara as roupas geladas dela e tentara aquecê-la com o edredom de pluma de ganso que era a peça mais importante do enxoval de Marina quando os dois haviam se casado.

– O que aconteceu? – perguntara a Sra. Hurley, ofegante de preocupação, quando ele entrou cambaleando pela porta da cozinha.

Ele não quisera usar a entrada principal, onde podia ser visto pelos filhos. Além disso, a porta da cozinha ficava uns 20 metros mais perto.

– Ela caiu no lago – dissera Phillip rispidamente.

A Sra. Hurley olhara para ele com um misto de desconfiança e compreensão, e ele percebeu que ela sabia a verdade. Ela trabalhava para os Cranes desde o casamento deles e conhecia bem o temperamento da patroa.

A governanta o enxotara do quarto assim que os dois colocaram Marina na cama, insistindo que ele trocasse as próprias roupas antes que também ficasse doente. Phillip voltara depois para ficar ao lado da esposa. Aquele era seu lugar como marido, pensou, cheio de culpa, um lugar que evitara nos últimos anos.

Era deprimente ficar perto de Marina. *Difícil.*

Mas aquela não era hora de fugir das obrigações, então ele ficou sentado junto à sua cabeceira durante o dia inteiro e noite adentro. Enxugava a testa dela quando Marina começava a suar e tentava fazê-la tomar um pouco de caldo morno quando estava serena.

Phillip lhe dizia para lutar, mesmo sabendo que ela não daria ouvido às suas palavras.

Três dias depois, ela morreu.

Era o que Marina queria, mas isso não serviu de consolo a Phillip quando ele teve de encarar os filhos gêmeos, que tinham acabado de fazer 7 anos, para explicar que sua mãe se fora. Sentou-se no quarto deles, com sua altura e seu corpo grande demais para qualquer uma das cadeiras de criança que havia ali. Mas ele se sentou assim mesmo, todo torto, e olhou bem nos olhos dos dois enquanto tentava fazer com que as palavras saíssem.

As crianças falaram pouco, o que não era comum. Mas não pareciam surpresas, o que Phillip achou desconcertante.

– Eu... sinto muito – desabafou ele, quando chegou ao fim do discurso.

Phillip os amava tanto, e tinha falhado com os dois de tantas maneiras... Mal sabia como ser um pai, como é que poderia assumir também o papel de mãe?

– Não é culpa sua – disse Oliver, os olhos castanhos fitando os do pai com uma intensidade perturbadora. – Ela caiu no lago, não foi? Você não a empurrou.

Phillip só assentiu, sem saber como responder.

– Ela está feliz agora? – perguntou Amanda, baixinho.

– Acho que sim – retrucou Phillip. – Ela vai poder ver vocês o tempo todo lá do céu, então deve estar feliz.

Os gêmeos pareceram pensar sobre aquilo por um instante.

– Espero que ela esteja feliz – disse Oliver por fim, a voz mais decidida do que sua expressão. – Talvez ela não chore mais agora.

Phillip sentiu a respiração presa na garganta. Não sabia que os filhos ouviam os choros de Marina. Ela parecia mergulhar fundo na tristeza apenas quando já era bem tarde. O quarto das crianças ficava exatamente em cima do dela, mas ele sempre achara que os dois já deviam estar dormido quando a mãe começava a chorar.

Amanda balançou a cabecinha loira, concordando.

– Se mamãe está feliz, então fico feliz que ela tenha ido embora – falou.

– Ela não foi embora – interrompeu Oliver. – Ela morreu.

– Não, ela foi embora – insistiu Amanda.

– Dá no mesmo – disse Phillip sem rodeios, desejando ter outra coisa para lhes dizer que não fosse a verdade. – Mas acho que ela está feliz agora.

E, de certo modo, isso também era verdade. Afinal, era o que Marina queria. Talvez fosse o desejo dela o tempo todo.

Amanda e Oliver ficaram em silêncio por um longo tempo, os olhos focados no chão enquanto balançavam as pernas de cima da cama de Oliver. Os dois pareciam tão pequenos, sentados numa cama que era claramente alta demais para eles. Phillip franziu a sobrancelha. Como ele nunca tinha notado aquilo antes? Eles não deviam ter camas mais baixas? E se caíssem durante o sono?

Ou talvez já fossem grandes demais para isso. Talvez já não caíssem mais da cama. Talvez nunca tivessem caído.

Talvez ele fosse mesmo um pai terrível. Talvez devesse saber essas coisas.

Talvez... talvez... Fechou os olhos e suspirou. Talvez ele devesse parar de pensar tanto e simplesmente tentar fazer o melhor possível e ser feliz com isso.

– Você vai embora? – perguntou Amanda, levantando a cabeça.  
Ele fitou-a nos olhos, tão azuis, tão parecidos com os da mãe.  
– Não – sussurrou Phillip com firmeza, ajoelhando-se diante dela e segurando suas mãozinhas, que pareciam tão pequenas nas dele, tão frágeis.  
– Não – repetiu. – Não vou embora. Não vou embora nunca...



Phillip olhou para seu copo de uísque. Estava vazio de novo. Engraçado como um copo de uísque podia continuar se esvaziando mesmo depois de enchido quatro vezes.

Ele detestava recordar o que havia acontecido. Não sabia qual era a pior parte: o mergulho ou o instante em que a Sra. Hurley se virara para ele e dissera “Ela se foi”.

Ou seus filhos, a tristeza em seus rostos, o medo em seus olhos.

Levou o copo aos lábios e bebeu o último gole. Decidiu que a pior parte com certeza eram as crianças. Ele lhes dissera que nunca as deixaria, e não fizera isso – não faria –, mas sua simples presença não era suficiente. Os dois precisavam de mais. Precisavam de alguém que soubesse ser pai, que soubesse como falar com eles, que os entendesse, que fizesse com que se comportassem.

E como ele não podia lhes arrumar outro pai, acreditava que devia pensar em encontrar uma mãe para eles. Era muito cedo, claro. Phillip não podia se casar de novo até que o tradicional período de luto terminasse, mas isso não significava que não podia procurar.

Suspirou, afundando no assento. Ele precisava de uma esposa. Praticamente qualquer uma serviria. Não se preocupava em como ela seria. Nem com a sua situação financeira. Também não precisava ser alguém que soubesse fazer contas de cabeça, falar francês ou cavalgar.

Ela só precisava ser feliz.

Será que isso era pedir muito em uma esposa? Um sorriso, pelo menos uma vez por dia? Talvez até mesmo uma gargalhada?

E ela precisava amar os filhos dele. Ou pelo menos fingir tão bem que os dois nunca soubessem a diferença.

Não era pedir muito, era?

– Sir Phillip?

Phillip levantou os olhos, maldizendo-se por ter deixado a porta do escritório entreaberta. Miles Carter, seu secretário, estava com a cabeça para dentro da sala.

– O que foi?

– Uma carta, senhor – disse o homem, andando até ele para lhe entregar um envelope. – De Londres.

Phillip olhou para o envelope em sua mão e ergueu as sobrancelhas diante da caligrafia claramente feminina. Dispensou Miles com um aceno de cabeça, pegou o abridor de cartas e passou-o sob a cera. Lá dentro, uma única folha. Phillip esfregou o papel entre os dedos. Era de qualidade excelente. Caro. Pesado, também, um claro sinal de que a remetente não precisava economizar para reduzir os custos de envio.

Então, virou a carta e começou a ler:

*Bruton Street, 5  
Londres*

*Sir Phillip Crane,*

*Escrevo para lhe oferecer os pêsames pela perda de sua esposa, minha querida prima Marina. Embora tenham se passado muitos anos desde que a vi pela última vez, lembro-me dela com carinho, e fiquei muito triste ao saber de seu falecimento.*

*Por favor, não deixe de me escrever se houver qualquer coisa que eu possa fazer para aliviar sua dor neste momento difícil.*

*Atenciosamente,  
Srta. Eloise Bridgerton*

Phillip esfregou os olhos. Bridgerton... Bridgerton. Marina tinha primos da família Bridgerton? Devia ter, já que uma deles havia lhe mandado uma carta.

Suspirou, então se surpreendeu ao estender a mão para pegar os papéis e a pena. Tinha recebido muito poucas cartas de condolências desde a morte de Marina. Parecia que a maioria de seus amigos e parentes a havia esquecido depois do casamento. E ele não achava que devesse ficar chateado, ou

até mesmo surpreso. Ela mal saía do quarto. Era fácil esquecer alguém que nunca era visto.

A Srta. Bridgerton merecia uma resposta. Era uma questão de educação, e mesmo que não fosse (e Phillip tinha certeza de que não conhecia todas as regras de etiqueta ligadas à morte da esposa de alguém), ainda assim parecia o certo a fazer.

Então, com um suspiro cansado, levou a pena ao papel.

## CAPÍTULO 1

*Maio de 1824*

*No meio da noite, em algum lugar na estrada  
entre Londres e Gloucestershire*



*Cara Srta. Bridgerton,*

*Obrigado por sua gentil mensagem a respeito da perda de minha esposa. Foi atencioso de sua parte dedicar um tempo para escrever a um cavaleiro que nem mesmo conhece. Eu lhe ofereço esta flor prensada como agradecimento. É apenas um beijo-de-freira (Silene coronaria), mas eles alegram os campos aqui em Gloucestershire e parecem ter chegado mais cedo este ano.*

*Era a flor preferida de Marina.*

*Cordialmente,  
Sir Phillip Crane*

**E**loise Bridgerton alisou a folha de papel amassada de tanto ser lida em seu colo. Havia pouca luz para ver as palavras, mesmo com a lua cheia brilhando pelas janelas da carruagem, mas isso não importava. Já sabia o

texto inteiro de cor e a delicada flor prensada, em tom de rosa arroxeadado, estava protegida entre as páginas de um livro que Eloise pegara na biblioteca do irmão.

Ela não tinha ficado tão surpresa ao receber a resposta de Sir Phillip. Era o que ditavam as boas maneiras, embora até mesmo a mãe de Eloise, com certeza a árbitra suprema dos bons costumes, dissesse que a filha levava suas correspondências um pouco a sério demais.

Era comum, claro, que as damas da posição de Eloise passassem várias horas por semana redigindo cartas, mas havia muito tempo que a jovem criara o hábito de passar várias horas *por dia* escrevendo-as. Ela adorava se corresponder com outras pessoas, principalmente com aquelas que não encontrava havia anos (gostava de imaginar a surpresa delas ao abrir o envelope), então sacava seu papel e sua pena em quase todas as ocasiões – nascimentos, mortes, qualquer tipo de acontecimento que merecesse parabéns ou condolências.

Ela não sabia ao certo por que tinha esse costume, mas passava tanto tempo escrevendo para os seus irmãos que não estivessem em Londres que lhe parecia muito fácil redigir um pequeno texto para qualquer parente distante, sentada à sua escrivaninha.

E embora todos os destinatários mandassem uma mensagem curta em resposta – ela era uma Bridgerton, e ninguém queria ofender um Bridgerton –, nunca ninguém tinha incluído um presente, mesmo que fosse tão humilde quanto uma flor prensada.

Eloise fechou os olhos, lembrando-se das delicadas pétalas róseas. Era difícil imaginar um homem manuseando uma flor tão frágil. Seus quatro irmãos eram todos homens grandes e fortes, com ombros largos e mãos enormes, que com certeza destruiriam a pobre flor num segundo.

A resposta de Sir Phillip a deixara intrigada, sobretudo pelo uso do latim, e ela imediatamente escrevera sua resposta.

*Caro Sir Phillip,*

*Muito obrigada pela encantadora flor prensada. Foi uma linda surpresa quando ela caiu do envelope, além de uma preciosa lembrança da querida Marina.*

*Não pude deixar de notar sua intimidade com o nome científico da flor.  
O senhor é botânico?*

*Cordialmente,  
Srta. Eloise Bridgerton*

Tinha sido sorrateiro da parte dela terminar a carta com uma pergunta. Agora o pobre homem seria forçado a responder de novo.

E ele não a desapontou. Depois de apenas dez dias, Eloise recebeu sua réplica.

*Cara Srta. Bridgerton,*

*De fato, sou botânico, formado em Cambridge, embora no momento não esteja ligado a nenhuma universidade ou comissão científica. Realizo experimentos aqui em Romney Hall, em minha própria estufa.*

*A senhorita também é uma entusiasta da ciência?*

*Cordialmente,  
Sir Phillip Crane*

Aquela troca de cartas tinha algo de muito empolgante. Talvez fosse apenas o fato de encontrar alguém com quem não tinha nenhum parentesco interessado de fato em manter um diálogo escrito. O que quer que fosse, Eloise respondeu no mesmo instante.

*Caro Sir Phillip,*

*Ah, céus, não. Não tenho nenhuma inclinação à ciência, embora seja boa em fazer contas. Interesse-me mais pela área de humanas. Creio que tenha notado que gosto de escrever cartas.*

*Sua amiga,  
Eloise Bridgerton*

Ela não estava muito segura se devia assinar com uma saudação tão informal, mas decidiu arriscar. Sir Phillip obviamente estava gostando da

troca de correspondências tanto quanto ela, ou também não teria terminado a carta com uma pergunta.

A resposta chegou duas semanas depois.

*Minha querida Srta. Bridgerton,*

*O que temos é mesmo um tipo de amizade, não é? Confesso que me sinto meio isolado aqui no campo, e se uma pessoa não pode ter um rosto sorridente à sua frente no café da manhã, então deveria ao menos poder receber uma carta gentil de vez em quando, concorda?*

*Estou lhe mandando outra flor. Esta é uma Geranium pratense, mais conhecida como gerânio.*

*Com carinho,  
Phillip Crane*

Eloise se lembrava bem daquele dia. Sentou-se na cadeira que ficava perto da janela do seu quarto e observou a flor roxa cuidadosamente prensada pelo que pareceu uma eternidade. Será que ele estava tentando *cortejá-la*? Por correspondência?

E então um dia ela recebeu uma carta bem diferente das outras.

*Minha querida Srta. Bridgerton,*

*Temos nos correspondido já há um bom tempo e, embora nunca tenhamos sido formalmente apresentados, tenho a impressão de já conhecê-la. Espero que sinta o mesmo.*

*Perdoe-me se estou sendo muito atrevido, mas escrevo para convidá-la a vir a Romney Hall. Tenho esperança de que, após algum tempo, possamos descobrir que iremos nos entender e a senhorita aceite ser minha esposa.*

*É claro que a senhorita terá uma acompanhante. Se aceitar meu convite, tomarei providências imediatas para trazer minha tia viúva para Romney Hall.*

*Espero que pense com carinho em minha proposta.*

*Afetuosamente,  
Phillip Crane*

Eloise no mesmo instante guardou a carta em uma gaveta, sem nem conseguir entender seu pedido. Ele queria se casar com alguém que nem *conhecia*?

Não, para ser justa, isso não era inteiramente verdade. Eles se conheciam, sim. Tinham dito mais um ao outro em um ano de correspondências do que muitos maridos e esposas durante todo um casamento.

Mas, ainda assim, nunca tinham *se encontrado*.

Eloise pensou em todos os pedidos de casamento que recusara ao longo dos anos. Quantos tinham sido? No mínimo seis. E ela já nem se lembrava direito por que dissera não a alguns deles. Na verdade, não havia nenhuma razão em particular, exceto pelo fato de não terem sido...

Perfeitos.

Será que era esperar muito?

Ela balançou a cabeça, sabendo que parecia tola e mimada. Não, ela não precisava de ninguém perfeito. Só precisava de alguém perfeito *para ela*.

Sabia o que as senhoras da sociedade diziam a seu respeito. Que era exigente demais, que não passava de uma tola. E que acabaria solteirona – não, elas não falavam mais isso. Falavam que ela já *era* uma solteirona, o que era verdade. Ninguém chegava aos 28 anos sem ouvir esse tipo de comentário sussurrado às suas costas.

Ou bem na sua cara.

Mas o engraçado era que Eloise não se importava com sua situação. Ou pelo menos não até bem recentemente.

Nunca lhe ocorrera que seria uma solteirona para sempre. Além disso, ela gostava bastante de sua vida. Tinha a família mais maravilhosa que alguém podia imaginar – sete irmãos e irmãs ao todo, cujos nomes seguiam a ordem alfabética. Isso significava que ela, com a letra E, era uma das do meio: tinha quatro irmãos mais velhos e três mais novos. Sua mãe era incrível, e tinha até parado de perturbá-la dizendo que ela devia se casar. Eloise ocupava um lugar de destaque na sociedade; os Bridgertons eram adorados e respeitados (e às vezes temidos) por todos, e a jovem tinha uma personalidade tão radiante e incontrolável que todos gostavam de sua companhia, sendo ela solteirona ou não.

Mas nos últimos tempos...

Ela suspirou, sentindo-se de súbito mais velha do que seus 28 anos. Ultimamente não vinha se sentindo tão radiante. Tinha começado a pensar

que talvez aquelas velhinhas rabugentas estivessem certas e que ela *não iria* encontrar um marido. Talvez estivesse sendo exigente demais, muito determinada a seguir o exemplo de seus irmãos e irmã mais velhos, que tinham achado um amor sincero e profundo (mesmo que as coisas não tivessem necessariamente dado certo desde o início).

Talvez um casamento baseado em respeito mútuo e companheirismo fosse melhor do que nada.

Mas era difícil conversar sobre esses sentimentos com alguém. Sua mãe passara tantos anos encorajando-a a arrumar um marido... Por mais que Eloise a adorasse, seria difícil agora admitir sua derrota e dizer que deveria tê-la ouvido. Seus irmãos também não ajudariam muito. Anthony, o mais velho, provavelmente tomaria para si a responsabilidade de selecionar o companheiro apropriado e depois intimidaria o pobre homem até sua submissão. Benedict era um sonhador e, além disso, agora quase nunca ia a Londres, preferindo a tranquilidade do campo. Quanto a Colin... Bem, essa já era outra história, que merecia um capítulo à parte.

Eloise achava que deveria ter conversado com Daphne, mas, toda vez que ia vê-la, a irmã mais velha estava tão absurdamente *feliz*, tão completamente apaixonada pelo marido e pela vida de mãe de quatro filhos... Como alguém assim poderia oferecer algum conselho útil a uma pessoa na posição de Eloise? E Francesca parecia a meio mundo de distância, lá na Escócia. Além disso, Eloise não achava justo importuná-la com suas aflições tolas. Afinal, Francesca tinha ficado viúva aos 23 anos, pelo amor de Deus. Os medos e preocupações de Eloise pareciam completamente sem importância diante disso.

E talvez tivesse sido por todas essas coisas que sua troca de cartas com Sir Phillip se tornara um prazer permeado de culpa. Os Bridgertons eram uma família grande, barulhenta e escandalosa. Era quase impossível manter qualquer coisa em segredo, principalmente de suas irmãs – a caçula, Hyacinth, poderia ter vencido a guerra contra Napoleão na metade do tempo se Sua Majestade tivesse pensado em recrutá-la para o serviço de espionagem.

Sir Phillip era, à sua própria e estranha maneira, dela. A única coisa que nunca tivera de dividir com ninguém. As cartas dele estavam amarradas todas juntas com uma fita roxa, escondidas no fundo da gaveta do meio

de sua escrivãzinha, sob a pilha de papéis que ela usava para escrever suas muitas cartas.

Ele era seu segredo. *Seu*.

E, como nunca o havia conhecido pessoalmente, pudera criá-lo em sua cabeça, usando as correspondências como base e depois montando o resto de acordo com o que achava interessante. Se existia mesmo um homem perfeito, com certeza era o Sir Phillip Crane da sua imaginação.

E agora ele queria se encontrar com ela? *Conhecê-la?* Estava maluco? Queria arruinar o que parecia ser a corte perfeita?

Mas então o impossível acontecera. Penelope Featherington, a melhor amiga de Eloise por quase doze anos, havia se casado. E mais: com *Colin*. Irmão de Eloise!

Se a lua tivesse, de repente, caído do céu em seu quintal, Eloise não teria ficado mais surpresa.

Ela estava feliz pela amiga. De verdade. E pelo irmão também. Eles eram provavelmente as duas pessoas de quem mais gostava em todo o mundo, e estava radiante por ver que os dois haviam encontrado a felicidade. Ninguém merecia isso mais do que os dois.

O que não queria dizer que o casamento deles não tinha deixado um buraco em sua vida.

Quando visualizava sua vida como solteirona e tentava se convencer de que era o que realmente queria, Penelope estava sempre junto a ela, igualmente solteirona. Era aceitável – quase ousado, até – ter 28 anos e ser solteira desde que Penelope também estivesse na mesma situação. Não que não *quisesse* que a amiga encontrasse um marido, só que aquilo nunca parecera nem um pouco provável. *Eloise* sabia que Penelope era maravilhosa, gentil, inteligente e brilhante, mas os cavalheiros da alta sociedade nunca pareceram notar. Em todos os anos em que Penelope frequentara a sociedade – onze ao todo –, ela nunca havia recebido nem um pedido de casamento. Nem uma mínima demonstração de interesse.

De certo modo, Eloise acreditava que ela não iria a lugar algum, que continuaria a ser o que era... antes de tudo, sua amiga. Sua companheira na vida de solteirona.

E a pior parte – a que deixava Eloise arrasada de culpa – era que ela nunca tinha parado para pensar como Penelope se sentiria caso *ela* se casasse primeiro, o que, na verdade, sempre achou que fosse acontecer.

Mas agora Penelope tinha Colin, e Eloise podia ver que encontrar seu companheiro era algo maravilhoso. E ela estava sozinha. Sozinha em meio a uma Londres cheia de gente, em meio a uma família grande e amorosa.

Era difícil imaginar um lugar mais solitário.

De repente, a proposta ousada de Sir Phillip – escondida no final de sua pilha de cartas amarradas, no fundo da gaveta do meio, e trancada em um cofre recém-adquirido, para que Eloise não ficasse tentada a ler a carta um monte de vezes por dia – parecia, bem, um pouco mais intrigante.

Na verdade, tornava-se mais intrigante a cada dia, à medida que ela ficava mais impaciente, mais insatisfeita com a vida que tinha de admitir que escolhera.

E então um dia, depois de ter ido visitar Penelope e ser informada pelo mordomo – em um tom que até Eloise sabia o que significava – de que o Sr. e a Sra. Bridgerton não podiam receber visitas naquele momento, ela tomou uma decisão. Estava na hora de assumir o controle de sua vida, decidir seu destino, em vez de comparecer a um baile atrás do outro na vã esperança de que o homem perfeito fosse se materializar diante dela, mesmo que nunca houvesse ninguém novo em Londres e que, após uma década inteira frequentando a alta sociedade, já conhecesse todo mundo.

Disse a si mesma que isso não significava que *tinha* de se casar com Sir Phillip; estaria simplesmente investigando o que parecia ser uma excelente possibilidade. Se eles não se entendessem, não precisariam se casar, afinal, ela não lhe prometera nada.

E se havia uma coisa marcante a respeito de Eloise era que, quando ela tomava uma decisão, agia com rapidez. Não, ponderou ela com uma demonstração impressionante (em sua opinião, pelo menos) de honestidade; havia *duas* coisas marcantes em suas ações – ela gostava de agir com rapidez e era persistente. Penelope uma vez dissera que ela parecia um cachorro agarrado a um osso.

E Penelope não estava brincando.

Quando Eloise cismava com uma ideia, nem mesmo toda a força da família Bridgerton era capaz de demovê-la de seu objetivo. (E os Bridgertons constituíam uma força muito poderosa.) Provavelmente era pura sorte que seus objetivos e os de sua família nunca tivessem entrado em conflito antes, ao menos não com relação a algo importante.

Eloise sabia que eles jamais permitiriam que saísse às cegas para se encontrar com um homem que nunca vira. Anthony provavelmente exigiria que Sir Phillip viesse a Londres para conhecer toda a família de uma vez, e Eloise não podia imaginar nenhuma outra situação capaz de assustar mais um possível pretendente. Os homens que já haviam se interessado por ela pelo menos estavam familiarizados com o cenário londrino e sabiam onde estavam se metendo. O pobre Sir Phillip, que – segundo suas próprias cartas – não colocava os pés em Londres desde os tempos de escola, e nunca vivera em meio à sociedade, com certeza iria cair numa emboscada.

Então sua única opção era viajar até Gloucestershire, e, como percebeu depois de pensar por alguns dias no assunto, teria de fazer isso em segredo. Se sua família soubesse de seus planos, sem dúvida a proibiria de ir. Eloise era uma oponente incrível, e talvez até vencesse no final, mas seria uma batalha longa e difícil. Sem falar que, se permitissem que ela fosse, após uma batalha demorada ou não, insistiriam em mandar pelo menos duas pessoas de sua família para acompanhá-la.

Eloise estremeceu. Essas duas pessoas provavelmente seriam sua mãe e Hyacinth.

E, Deus do céu, ninguém poderia se apaixonar com aquelas duas por perto. Ninguém conseguiria nem mesmo construir um relacionamento simples, mas duradouro, o que Eloise achava que obteria com a viagem.

Decidiu, então, que fugiria durante o baile de sua irmã Daphne. Seria um grande acontecimento, com muitos convidados e a dose certa de alvoroço e confusão para garantir que sua ausência passasse despercebida por umas boas seis horas, talvez mais. Sua mãe sempre insistia para que fossem pontuais – ou até mesmo chegassem adiantados – quando um membro da família oferecia algum evento social, então com certeza chegariam à casa de Daphne no máximo às oito horas. Se ela escapasse logo no início e o baile fosse até de madrugada... bem, seria quase de manhã quando alguém percebesse que havia saído, e ela já estaria a meio caminho de Gloucestershire. Se não a meio caminho, pelo menos longe o bastante para assegurar que não fosse fácil seguir seu rastro.

No fim das contas, executar seu plano acabou sendo de uma simplicidade espantosa. Toda sua família se distraiu com um grande anúncio que Colin planejava fazer, então ela só precisou dizer que iria à sala de estar das mulheres, sair pelos fundos e caminhar a curta distância até o quintal de

sua casa, onde tinha escondido suas bolsas. De lá, só precisou andar até a esquina, onde uma carruagem contratada a esperava.

Se ela soubesse que seria tão fácil ir atrás de seu caminho no mundo, teria feito isso muitos anos antes.

E agora ali estava, seguindo em direção a Gloucestershire, ao seu destino, acreditava – ou esperava, ainda não sabia bem –, com nada além de algumas mudas de roupa e uma pilha de cartas escritas para ela por um homem que nunca tinha visto.

Um homem que esperava poder amar.

Era emocionante.

Não, era assustador.

Era, ponderou, provavelmente a coisa mais imprudente que já fizera na vida, e precisava admitir que já tinha tomado algumas decisões bastante tolas.

Ou poderia ser sua única chance de felicidade.

Eloise fez uma careta. Estava começando a fantasiar. Isso era um mau sinal. Tinha de embarcar naquela aventura com toda a natureza prática e o pragmatismo com os quais sempre tentara tomar suas decisões. Ainda dava tempo de voltar. O que, de fato, ela sabia sobre aquele homem? Ele lhe dissera muitas coisas durante aquele ano em que se corresponderam...

Sir Phillip tinha 30 anos, dois a mais que ela.

Tinha estudado botânica em Cambridge.

Havia sido marido de Marina, uma prima de quarto grau, por oito anos, o que significava que ele tinha 21 anos quando se casou.

Seus cabelos eram castanhos.

Ele tinha todos os dentes.

Era baronete.

Morava em Romney Hall, uma construção de pedra do século XVIII perto de Tetbury, Gloucestershire.

Gostava de ler tratados científicos e livros de poesia, mas não romances e, definitivamente, nenhum trabalho de filosofia.

Apreciava a chuva.

Sua cor preferida era o verde.

Nunca tinha saído da Inglaterra.

Não gostava de peixe.

Eloise tentou conter uma gargalhada nervosa. Ele não gostava de *peixe*? Era isso que sabia a respeito dele?

– Com certeza uma base sólida para um casamento – murmurou para si mesma, tentando ignorar o pânico em sua voz.

E o que ele sabia sobre ela? O que poderia tê-lo levado a propor casamento a uma completa estranha?

Ela tentou se lembrar do que tinha dito em suas diversas cartas...

Tinha 28 anos.

Tinha cabelos castanhos e todos os dentes.

Seus olhos eram acinzentados.

Ela vinha de uma família grande e amorosa.

Um de seus irmãos era visconde.

Seu pai tinha morrido quando ela era apenas uma criança, de maneira incompreensível, por um simples ferrão de abelha.

Tinha a tendência de falar demais. (Por Deus, havia mesmo contado isso para ele?)

Gostava de ler livros de poesia e romances, mas com certeza nenhum tratado científico ou trabalhos de filosofia.

Tinha viajado para a Escócia, mas só.

Sua cor preferida era roxo.

Não gostava de carne de carneiro e, definitivamente, detestava morcela.

Outra risada nervosa irrompeu de seus lábios. Com essas características, pensou sem nem uma ponta de sarcasmo, ela parecia mesmo um ótimo partido.

Olhou pela janela, como se isso pudesse lhe dar alguma indicação de sua localização na estrada que ia de Londres a Tetbury.

Via passar uma colina verdejante após a outra, todas iguais, e, até onde sabia, podia estar no País de Gales.

Franziu a testa, olhou para o papel em seu colo e dobrou novamente a carta de Sir Phillip. Devolveu-a ao amarrado de cartas em sua valise e tamborilou os dedos nas coxas em um gesto nervoso.

Tinha razão para estar nervosa.

Afinal, havia deixado sua casa e tudo o que lhe era familiar.

Estava cruzando metade da Inglaterra e ninguém sabia.

Ninguém.

Nem mesmo Sir Phillip.

Porque, em sua pressa para sair de Londres, tinha deixado de lhe contar que estava indo. Bem, não é que tivesse exatamente *esquecido*. Na verdade, meio que... adiara a tarefa até ser tarde demais.

Se ela lhe contasse, estaria comprometida com o plano. Daquela forma, ainda poderia voltar atrás a qualquer momento. Tentara se convencer de que decidira isso porque gostava de ter opções em aberto, mas a verdade é que estava tão assustada que temera perder a coragem.

Além disso, fora Sir Phillip quem pedira o encontro. Ele ficaria feliz em vê-la. Não ficaria?



Phillip se levantou da cama e abriu as cortinas de seu quarto, revelando outro dia perfeito e ensolarado.

Perfeito.

Caminhou em silêncio até o quarto de vestir para escolher a roupa, pois havia muito tempo dispensara os criados que cuidavam dessa tarefa. Ele não sabia explicar, mas, desde a morte de Marina, não queria mais nenhuma movimentação de pessoas abrindo as cortinas em seu quarto e escolhendo o que iria vestir.

Tinha demitido até mesmo Miles Carter, que tanto tentara ser seu amigo após o falecimento de Marina. Mas de alguma forma o jovem secretário só o fazia se sentir pior, então ele o dispensara com seis meses de pagamento e uma magnífica carta de referência.

Havia passado seu casamento com Marina desejando ter alguém com quem conversar, uma vez que ela fora sempre tão ausente, mas, agora que ela morrera, ele só queria ficar sozinho.

Achava que devia ter falado algo sobre isso em uma de suas muitas cartas à misteriosa Eloise Bridgerton, porque enviara sua proposta *não de um casamento imediato, mas talvez um relacionamento que levasse a isso* um mês antes, e o silêncio da parte dela era avassalador, sobretudo tendo em vista que ela respondia às suas cartas com encantadora vivacidade.

Ele franziu a testa. A misteriosa Eloise Bridgerton não era de fato *tão* misteriosa. Em suas cartas, ela parecia bem franca, honesta, além de ter uma personalidade incrivelmente radiante, o que, no fim das contas, era tudo o que Phillip esperava de uma esposa dessa vez.

Pegou uma camisa; pretendia passar a maior parte do dia na estufa, sujo de terra até os cotovelos. Estava bastante decepcionado que a Srta. Bridgerton obviamente tivesse achado que ele era algum lunático que devia ser evitado a todo custo. Ela parecera a solução perfeita para seus problemas. Phillip precisava desesperadamente de uma mãe para Amanda e Oliver, mas eles tinham crescido tão indisciplináveis que não conseguia imaginar nenhuma mulher disposta a se casar com ele e ficando presa àqueles dois diabinhos pela vida inteira (ou pelo menos até que chegassem à maioridade).

Mas a Srta. Bridgerton tinha 28 anos; já era uma solteirona. E, se vinha se correspondendo com um completo desconhecido havia mais de um ano, com certeza devia estar um pouco desesperada. Será que não aproveitaria a chance de arrumar um marido? Ele tinha uma casa, uma fortuna respeitável e apenas 30 anos. O que mais ela poderia querer?

Phillip resmungou algumas frases irritadas enquanto enfiava as pernas em suas ásperas calças de lã. Era óbvio que ela queria *algo mais* ou teria tido pelo menos a cortesia de responder declinando da proposta.

BUM!

Phillip olhou para o teto e fez uma careta. Romney Hall era uma casa antiga, sólida e muito bem construída, e, se ouvia um barulho no teto, então seus filhos tinham derrubado (empurrado? atirado?) alguma coisa muito grande.

BUM!

Ele se encolheu. Essa última pancada parecia ter sido pior. Mas a babá estava lá em cima com as crianças, e sempre lidava melhor com os dois do que ele. Se conseguisse calçar as botas em menos de um minuto, poderia sair de casa antes que eles causassem muito mais danos, e então seria possível fingir que nada daquilo estava acontecendo.

Pegou uma das botas. Sim, era uma ótima ideia. Se não pudesse ouvir, não se preocuparia.

Acabou de se arrumar a uma velocidade impressionante e saiu depressa para o corredor, caminhando rapidamente até a escada.

– Sir Phillip! Sir Phillip!

Droga. Seu mordomo estava atrás dele.

Phillip fingiu não ouvir.

– *Sir Phillip!*

– Droga – resmungou.

Não havia como ignorar aquele grito a não ser que estivesse disposto a aturar os empregados à sua volta, preocupados com sua aparente perda de audição.

– Sim? – disse ele, virando-se lentamente. – O que foi, Gunning?

– Sir Phillip – retrucou Gunning, depois pigarreou. – Temos visita.

– Visita? – ecoou Phillip. – Foi essa a fonte do... humm...

– Barulho? – completou Gunning, prestativo.

– Sim.

– Não. – O mordomo pigarreou de novo. – A fonte do barulho são seus filhos.

– Sei – murmurou Phillip. – Bobagem minha pensar outra coisa.

– Não acredito que tenham quebrado nada, senhor.

– Então é um alívio e uma novidade.

– É verdade, senhor, mas, como falei, temos outro assunto importante: a visita.

Phillip resmungou. Quem poderia aparecer àquela hora da manhã? Eles não costumavam receber visitas nem nos horários habituais.

Gunning esboçou um sorriso, mas dava para ver que estava fora de forma.

– Costumávamos receber visitas, o senhor lembra?

Aquele era o problema com os mordomos que trabalhavam para a família desde antes de você nascer. Adoravam um sarcasmo.

– Quem é a visita?

– Não tenho certeza, senhor.

– Não tem certeza? – perguntou Phillip, incrédulo.

– Eu não perguntei.

– Mas não é isso que os mordomos devem fazer?

– Perguntar, senhor?

– Sim – respondeu Phillip, pensando se Gunning estava tentando ver até que ponto o rosto de seu patrão podia ficar vermelho antes de ele cair no chão em meio a um ataque apoplético.

– Pensei em deixar que o senhor perguntasse.

– Pensou em deixar que eu perguntasse – afirmou Phillip, percebendo quão inútil era fazer perguntas.

– Sim, senhor. Afinal, ela está aqui para vê-lo.

– Assim como todas as nossas visitas e isso nunca impediu você de descobrir quem eram.

– Bem, na verdade, senhor...

– Tenho certeza de que... – tentou interromper Phillip.

– Nós não temos mais o costume de receber visitas, senhor – concluiu Gunning, vencendo a batalha.

Phillip abriu a boca para salientar que *sim*, recebiam visitas, e que havia uma lá embaixo naquele exato instante, mas de que adiantava?

– Está bem – falou, profundamente irritado. – Vou descer.

O rosto de Gunning se iluminou.

– Ótimo, senhor.

Phillip olhou para o mordomo, chocado.

– Você está bem, Gunning?

– Sim, senhor. Por que pergunta?

Não parecia educado dizer que o sorriso largo deixava Gunning um pouco parecido com um cavalo, então Phillip apenas resmungou:

– Não é nada.

E desceu a escada.

Uma visita? Quem poderia ser? Ninguém vinha à sua casa havia quase um ano, desde que os vizinhos tinham deixado de fazer suas aparições obrigatórias para oferecer os pêsames. Ele achava que não podia culpá-los por se manterem afastados; na última vez em que um deles fora vê-lo, Oliver e Amanda tinham lambuzado as cadeiras com geleia de morango.

Lady Winslet tinha ido embora num acesso de raiva que ultrapassava qualquer coisa que Phillip considerasse saudável para uma mulher da sua idade.

Ele franziu a testa quando chegou ao pé da escada e seguiu em direção ao saguão. Era uma mulher, não era? Gunning não dissera que a visita era uma mulher?

Mas, droga, quem...?

Ele parou de repente, chegando a tropeçar.

Porque a mulher parada em seu hall era jovem e muito bonita, e, quando ela levantou o rosto para olhar para ele, Phillip notou que a moça tinha os olhos acinzentados mais encantadoramente lindos que já vira.

Ele poderia se afogar naqueles olhos. E, como era de imaginar, Phillip nunca pensava na palavra *afogar* de forma leviana.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)